

OLHOS NOS OLHOS

Quer fazer uma experiência diferente? Então pegue o seu carro, saia de casa e pare na primeira ou segunda fila de um semáforo. Olhe em frente.

Logo verá um pequeno rodo deslizando no seu pára-brisa. Olhe mais adiante e verá que há um rosto de criança por trás do rodo. Aproxime o seu próprio rosto do pára-brisa. A criança estranhará e olhará diretamente para você. Ela estará limpando o vidro e a sua vista grossa. Deixe que seus olhares se cruzem. Tenham uma conversa **ocular**.

Dessa vez, desça o vidro da janela, sorria e pergunte-lhe o nome. Lembre-se nesse instante, de que vocês dois são lavadores: ele de vidros e você talvez um lavador de mãos. Quem sabe você não estava sendo acometido de uma crise da "síndrome de Pilatos"? Olhe também para o lado e verá crianças correndo entre os carros com a mãozinha estendida ou dormindo no ombro de um adulto que mendiga. Poderá ainda ver crianças malabares, acrobatas, na faixa de pedestres.

Saiba que foi a sociedade, em repúdio à exploração das crianças trabalhadoras, que exigiu dos governantes e empregadores em uníssono: **"queremos saber o que se passa com as crianças, seja dentro dos muros das fábricas, ou nos subsolos das minas, que as faz se ferir, adoecer e morrer. Exigimos que um membro da sociedade inspecione esses locais"**.

Visando evitar a mutilação do seu futuro e anular a resistência dos donos do capital, a sociedade exigiu também que esse representante, **o Inspetor do Trabalho**, fosse escolhido entre pessoas **idôneas**, de reputação ilibada e tivesse uma super prerrogativa: **o direito de visita**.

Esse direito, permite que os Auditores-Fiscais do Trabalho adentrem nos estabelecimentos nos quais haja pelo menos **um** trabalhador, podendo fazê-lo a qualquer dia e hora, sem prévio aviso.

A Fiscalização do Trabalho, como hoje é denominada no Brasil, foi instituída, portanto, em nome da infância, que representa o amanhã da raça humana. Por esta gênese, até que tal carreira seja extinta, os Auditores Fiscais do Trabalho seguirão sendo devedores de melhores dias à infância pobre, que necessita trabalhar.

Mas, nas vias públicas, todo cidadão é o fiscal, o protetor da infância, explorada nos semáforos por adultos inescrupulosos, espalhados em toda a cidade. A mendicância é um grande negócio para o crime organizado, que traz à nossa Capital centenas de crianças de dez municípios do entorno. Ficam o dia inteiro na rua, sustentadas pela moeda que alivia a sua consciência. Não estudam, não brincam. Serão mendigos vitalícios.

Exija dos governantes a "escola integral", prevista pela LDB – Lei de Diretrizes e Bases para a Educação. A escola integral obriga os nossos governantes a prestarem um atendimento gratuito semelhante ao que ocorre no primeiro mundo, mantendo os alunos o dia inteiro na escola, enquanto **seus pais trabalham**. Num turno, aulas, no outro, esporte, lazer, cultura, arte, alimentação balanceada. Deveres de casa serão **deveres de escola**. Em casa, só beijar mamãe ou papai e dormir.

O governo havia garantido acabar com o trabalho infantil e escravo até 2006. A OIT já alertava que até 2015, ainda conviveríamos com a exploração de crianças brasileiras no trabalho. Quem sabe em 2016? Frustração.

Mais uma vez o mundo não cumpriu esse prazo, tendo sido prorrogado para 2025, e somente se forem adotadas novas estratégias de enfrentamento eficazes nos países onde ele ocorre, caso contrário, a seguir no mesmo ritmo, somente em 2040 a humanidade libertará suas crianças para viverem a infância.

O sacrifício da categoria mais vulnerável de trabalhadores é a mais impressionante e indesejável prova de que Herodes voltou do além e foi morar em Brasília.

Será que nenhum político percebeu ainda que os céus não perdoam quem despreza as crianças? Será que lembram das inúmeras mortes de crianças indígenas no Mato Grosso do Sul, no mesmo estado onde as mortes dos bois abalaram toda a nação? Será que lembram que a causa da morte daquelas crianças foi a fome, no segundo ano do governo do Fome Zero? A fome delas foi zerada. Morreram. Morreram em meio ao plantio de soja do agronegócio que ilhou aqueles índios e nem mandioca podiam mais plantar.

Por que quando esse mesmo agronegócio ligado à pecuária percia, o governo liberou milhões para salvá-lo e não fez o mesmo com as crianças indígenas? Será porque são apenas índios e índios podem até ser queimados na via pública no Distrito Federal em pleno dia do índio?

Não, não é discriminação étnico/racial, como parece, pois em agosto de 2005 encontrei crianças não índias abandonadas à própria sorte nas sinaleiras em Brasília, no plano piloto, fazendo acrobacias no asfalto, como animaizinhos amestrados, enquanto um outro garoto desfilava entre os veículos com um papelão pedindo ajuda para comprar comida. **Fome Mil, na capital do fome zero.**

Mas, e hoje? Quase 2020? O que lhe cabe fazer como cidadão?

É simples: seja tão reconhecido às crianças quanto aquele que teve sua vida salva enquanto centenas de crianças foram mortas em seu lugar pelo exército de Herodes. Diga também: "vinde a mim", mesmo quando alguns insistirem em dizer que **isso** não é assunto seu, mas das "autoridades".

O nosso Herodes contemporâneo está bem representado pelos que fazem normas que inviabilizam a fiscalização do trabalho infantil, pelos que apresentam dados maquiados para fingir bons resultados, quando estão praticando mais do que nunca a criminosa **vista grossa**, deixando a prioridade absoluta da Constituição Federal entregue às máquinas mutiladoras, aos produtos químicos, aos pedófilos motorizados, ao cansaço, à exclusão escolar, à pobreza e aos patrões inescrupulosos, que além de tudo, ainda fazem *marketing* vendendo a imagem de benfeitores, por cuidarem do que o Governo há muito já não cuida.

Espero que esta reflexão tenha lhe feito pensar no que pode fazer por essa criança que acabou de limpar sua "vitrine", possibilitando-lhe enxergar qual o melhor produto que ela expõe: **o futuro, o amanhã com paz e justiça social.**

Comunique sobre esse local de trabalho infantil que acabou de passar, ao Conselho Tutelar, ao CRAS, CREAS, ao Fórum estadual de Combate ao Trabalho Infantil ou ao Ministério Público Estadual ou do Trabalho.

Quem sabe, talvez daqui a alguns anos, essa criança não abordará o seu filho quando ele parar no mesmo semáforo, pois poderá estar sentada ao lado de um outro filho seu, prestando exame para uma Universidade. E tudo isso graças a uma simples e rápida **conversa ocular**, num piscar de semáforo.

Marinalva Cardoso Dantas

Coordenação Colegiada do FOCA/RN

